

# PERSPECTIVAS CONTEMPORÂNEAS DO LAZER

Luiz Octávio de Lima Camargo<sup>1</sup>

---

## RESUMO

O objetivo deste artigo é refletir sobre o futuro do lazer, no contexto do debate Perspectivas Contemporâneas sobre Ócio, Lazer e Tempo Livre, evento organizado pelo Centro de Pesquisa e Formação do Sesc SP. O referencial teórico se assenta em reflexões de autores especializados em lazer de diferentes países. O referencial metodológico acompanha, *grosso modo*, os protocolos recomendados por Joffre Dumazedier, na metodologia previsional por ele chamada de sociologia ativa, e são aplicados às três categorias do lazer: tempo, espaço e atividade. Os resultados apontam para a indefinição do futuro do tempo de lazer do ponto de vista de sua quantidade, mas mostram um avanço, dada a porosidade dos tempos sociais, em especial entre trabalho e lazer. Do ponto de vista do espaço, mostram a importância das atividades ao ar livre e do contato com elementos naturais. Do ponto de vista da atividade, enfatizam o protagonismo da busca da experiência e da tecnologia no seu futuro.

**Palavras-chave:** Lazer. Sociologia ativa. Tempo de lazer. Espaço de lazer. Atividade de lazer.

## INTRODUÇÃO

Antes de mais nada, algumas observações pontuais. Começo pelo título do evento: Perspectivas Contemporâneas sobre Ócio, Lazer e Tempo Livre. Entendo que a escolha desses três substantivos – ócio, lazer e tempo livre – teve em vista apenas incluir as várias denominações às quais o estudo deste tema está ligado entre nós. Para muitos, esses termos podem até ser considerados sinônimos, apesar de, no português dos dicionários, ócio e lazer terem significados diferentes e até contrários: ócio indica o não fazer nada (tarefa, aliás, impossível para um ocidental e somente possível para um místico oriental que sabe o que é pensar sem palavras), e lazer sempre significa fazer alguma coisa.

Na verdade, pode-se dizer que são termos que tiveram trajetórias diferentes no mundo acadêmico apenas por motivos linguísticos: o *licere* latino (ser permitido) somente sobreviveu em poucas línguas, como o francês (*loisir*), o inglês (*leisure*) e o português. Não por acaso, é nos países marcados por essa

---

<sup>1</sup> Graduado em Jornalismo pela Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (1974), doutor em Ciências da Educação pela Université Sorbonne-Paris V (1982) e livre-docente pela Escola de Artes, Ciências e Humanidades da USP (2008). É docente no Programa de Mestrado em Hospitalidade da Universidade Anhembi Morumbi e do Bacharelado em Lazer e Turismo da EACH-USP. E-mail: octacam@uol.com.br.

sobrevivência linguística que a atividade se tornou objeto de estudo sociológico. (A razão pela qual Portugal ficou à margem, sem nenhuma tradição no estudo do tema, ao menos pelo que chegou ao Brasil, é para mim um mistério.) Os países de língua espanhola e italiana ficaram praticamente à margem da sociologia do lazer. Há, é verdade, estudos sobre as atividades que chamamos de lazer nesses países. Podem ser citados Frederic Munné, em língua espanhola, e Domenico De Masi, na Itália. Eles falam de ócio e poderiam ser considerados exceção, mas são, de fato, a exceção que confirma a regra, já que praticamente não dialogaram com os estudiosos da chamada sociologia do lazer, ao menos nas instâncias internacionais de debate: o Comitê de Lazer da Associação Internacional de Sociologia e os congressos mundiais da Associação Mundial de Lazer (WLA).

Munné (1996) faz referência apenas a Georges Friedman, a Joffre Dumazedier e a alguns nomes da também longa tradição anglo-saxã, notadamente no campo da psicossociologia (Stebbins, Csikszentmihalyi, Neulinger), sem que isso possa ser chamado de uma visita, como se diz normalmente no mundo acadêmico, ou seja, sem ter dialogado com eles. Sobre De Masi, nem isso. Sociólogo do trabalho, consultor de grandes empresas e dono de um forte carisma como conferencista, fez tamanho sucesso no Brasil que acabou por popularizar o termo ócio (calcado no italiano) no país. Curiosamente, esse autor só publicou obras sobre ócio em português. Em italiano, consta apenas como organizador de um livro sobre o tema – *Economia dell'ozio* – publicado em 1992, um ano depois da edição brasileira. Confessou a mais de uma pessoa nem mesmo saber quem era Joffre Dumazedier e ignorar a palavra “lazer”. Isto posto, nem por isso sinto o mesmo constrangimento pelo seu sucesso que observei em alguns colegas. Penso que, como especialista em trabalho, ele fez algo que nós não conseguimos fazer, que é sensibilizar a sociedade em geral para o tema.

Já “tempo livre”, tanto para a tradição francesa como para a anglo-saxã (ambas com representantes no Brasil), traduz a herança das lutas pela redução da jornada de trabalho, enquanto “lazer” é o uso privilegiado mas não exclusivo desse tempo, como será explicado mais adiante. Aqui utilizarei apenas o termo lazer, e este é meu primeiro ponto inicial.

O segundo diz respeito às sociedades sobre as quais se falará. No mundo ocidental (não há como negar que a noção de lazer é ocidentocentrista), há que se distinguir entre os países desenvolvidos (Canadá, EUA, Europa Ocidental) e os que ainda podem ser chamados de subdesenvolvidos, com todos os reparos que se possam fazer a esse termo: basicamente, a América Latina. Há, sem dúvida, que diferenciá-los neste tema, que foi o de minha tese de doutorado (CAMARGO, 1982a). Caberia falar também sobre as sociedades asiáticas (seus representantes hoje são os mais numerosos no Comitê de Lazer da Associação Internacional de Sociologia) e africanas, não fosse o fato de, ao lê-los ou ouvi-los, nunca se ter certeza de estar falando a mesma coisa. Vou referir-me aqui às sociedades ocidentais em geral, com comentário à parte sobre o Brasil e, por extensão, mas sem o mesmo grau de certeza, sobre a América Latina.

Um terceiro ponto importante é entender a tríplice face do lazer, que pode ser entendido (a) como um tempo derivado da redução sobretudo da jornada de trabalho, mas também das obrigações domésticas e pessoais; (b) um espaço que tem a cidade como ponto de referência, espaço de criação de equipamentos e condições de exercício do lazer, desde a metade do século XIX, e (c) uma atividade, ou conjunto de atividades às quais o indivíduo se entrega depois de realizadas as obrigações e compromissos pessoais, para o descanso, divertimento e desenvolvimento pessoal e social, na formulação clássica de Joffre Dumazedier (1974). Até muito recentemente, tempo, espaço e atividade caminhavam juntos. Hoje, por mais convergentes que sejam, há que abordá-los separadamente. O futuro do tempo livre está ligado à economia. O futuro do espaço está ligado ao urbanismo. E o futuro da atividade está ligado à tecnologia.

Esta última observação tem a ver diretamente com o objetivo deste artigo, que é refletir sobre o futuro do lazer no contexto do debate Perspectivas Contemporâneas sobre Ócio, Lazer e Tempo Livre, organizado pelo Centro de Pesquisa e Formação do Sesc SP. A palavra perspectiva remete à previsão, e isso também merece um reparo inicial. Desde já e para evitar que estas reflexões sejam tomadas como demasiado assertivas, há que mencionar o relativo fracasso dos estudos previsionais, que tiveram grande impulso nas décadas de 1960 e 1970. Ao que tudo indica, o descrédito das previsões resulta, não obstante os múltiplos acertos, daquilo que não se previu: por um lado, eventos de impacto na economia, como a primeira crise do petróleo, a partir de 1973, que invalidou todas as bases em que se assentava a projeção das 40 mil horas de trabalho previstas por Jean Fourastié (1965), para quem, em algumas décadas, o indivíduo veria sua jornada existencial de 80 mil horas reduzida pela metade; por outro, as tecnologias que surgiram, como a Internet, fato decisivo para todas as sociedades na virada do milênio.

É, pois, com bastante cuidado que se evoluirá na argumentação que segue. Conforme já foi assinalado, analisar-se-ão aqui as perspectivas do ponto de vista do tempo de lazer, do espaço de lazer e das atividades de lazer. Esse roteiro será mais bem explicitado a seguir.

## **MATERIAIS E MÉTODOS**

Como afirmado acima, a previsão é menos um exercício científico do que um investimento do pesquisador em reflexões de outros pesquisadores mais as perspectivas que ele próprio descortina. É um exercício científico, mas com forte carga de subjetividade. A margem de subjetividade pode ser reduzida com alguns métodos, como o chamado método Delphi e o de sociologia ativa. Este último, proposto por Dumazedier (1979), é o que utilizarei aqui, ainda que simplificado ao extremo.

Dumazedier propôs esse método para estudar as tendências, ao menos em médio prazo, das mudanças numa sociedade, o que ele chama de elasticidade de um fenômeno. A novidade é que ele propõe uma sociologia previsional, bastante diferente do que se faz correntemente, que se pode chamar de economia previsional.

Este autor propõe três caminhos a serem trilhados conjuntamente:

- **Observação da elasticidade temporal (ou extrapolação condicional)**

O estudo longitudinal é o corriqueiro e sempre leva as pessoas a considerarem que a tendência da curva se manterá, o que nem sempre se verifica. De qualquer maneira, as questões que coloca são importantes. Como essa elasticidade temporal se manifesta, sobretudo nas sondagens realizadas? Segundo o autor (1979, pp. 221-222), “baseia-se na hipótese de que a descontinuidade nunca é total, mesmo em caso de inovação revolucionária” e de que “o futuro prolonga sempre o passado”.

- **A elasticidade social**

Supõe a comparação entre os que estão incluídos no fenômeno (grupo de pertinência ou de participação) e os que não estão incluídos (grupo de referência) e pode ser considerada uma alternativa sociológica aos métodos experimentais bastante utilizados nas ciências médicas. Por exemplo, o estudo do efeito de uma medicação se mede pela comparação entre um grupo de pertinência (tomando a droga) e um grupo de referência (tomando placebo). O efeito da medicação é medido pela diferença entre os resultados observados em ambos os grupos.

Neste método sociológico, os resultados são observados de forma diferente. Por exemplo, se perguntarmos sobre a evolução das viagens, o resultado deve ser observado não na diferença, mas na soma dos que já viajam (grupo de pertinência) mais os que não viajam e gostariam de viajar (grupo de referência). Estes últimos é que ditarão o comportamento da curva de crescimento das viagens, já que é legítimo supor que os que já viajam continuarão viajando. Aqui também há limites. Como pergunta o próprio Dumazedier (1974, p. 224) “em que medida funcionará aquilo que se pode chamar de imitação social na realização dos comportamentos de amanhã” se houver resistência à adoção dos novos valores e normas?

- **A elasticidade comparativa espacial**

É o mais polêmico dos passos recomendados, mas também, segundo o autor, o mais desenvolvido do ponto de vista dos protocolos. O mais desenvolvido, por basear-se num estudo comparativo em curso na época sobre a evolução do lazer em sete sociedades industriais avançadas; o mais polêmico, por ter tomado o modelo da sociedade americana como o mais avançado (o que levantou contra ele o furor de todas as ideologias antiamericanas, tanto na França como no Canadá, duas sociedades também pesquisadas).

Em resumo, este método afirma que um fenômeno em crescimento nas sociedades urbanas mais avançadas pode influenciar as sociedades urbanas menos avançadas. Ressalte-se que, em 1965, ainda não se falava em

globalização da economia e mundialização cultural, e portanto a difusão dos modelos das sociedades mais avançadas tinha menos facilidade para torná-los conhecidos nas demais.

Aqui se seguirá esse método, mas de forma despreziosa. Ele é mais um exercício, um roteiro, do que a aplicação do método propriamente dito, com todas as suas técnicas. Conta-se com dados estatísticos sobre o tempo e sobre as atividades, mas não no volume e qualidade que uma análise mais rigorosa exigiria. Seus resultados ficam, pois, apenas no limite de hipóteses a serem aprofundadas e confirmadas ou desmentidas.

O desenvolvimento da análise acontecerá nas três categorias do lazer acima citadas – tempo, espaço e atividades. Na medida do possível – e nem sempre o será – em cada categoria, as análises iniciais levam em conta a situação das sociedades mais desenvolvidas, finalizando com uma observação sobre a situação brasileira – a elasticidade espacial – e a forma como se emparelha ou se distancia das primeiras.

## **PERSPECTIVAS PARA O TEMPO DE LAZER**

Como lembra a definição de Dumazedier acima citada, o tempo de lazer é o que sobra dos tempos obrigatórios e comprometidos da vida cotidiana. Por isso, para identificá-lo como objeto, o pesquisador se obriga a reconstituir a totalidade dos tempos sociais vividos pelo indivíduo, mesmo que esses outros tempos aparentemente nada tenham a ver com o tempo de lazer. Para tanto, conta com a única técnica de pesquisa criada pelos estudos de lazer, a chamada pesquisa de orçamento-tempo, com a qual se obriga a reconstituir a totalidade dos tempos vividos pelo indivíduo no cotidiano. Com uma planilha que mede as atividades a cada 15 minutos durante sete dias, pode-se observar o tempo gasto na obrigação profissional (mais o transporte correspondente), na obrigação doméstica (cuidados com a casa e com os filhos, mais o transporte correspondente), nas obrigações pessoais (sono, higiene e alimentação), para se chegar ao tempo livre e, dentro deste, extraindo os compromissos sociorreligiosos, sociopolíticos e de complementação de estudo, chegar-se ao tempo de lazer.

Entre parênteses: comparada à técnica mais utilizada, a das sondagens, esta tem a vantagem de não perguntar se a pessoa pratica determinada atividade, e sim o que ela fez ao longo de todas as horas do dia e da semana. Pode parecer um esforço exagerado, mas não é. Essa tarefa torna o sociólogo do lazer um especialista no estudo da vida cotidiana.

Uma história da dinâmica e das mudanças ocorridas nas formas e na duração dos tempos sociais, que ainda espera um pesquisador interessado, certamente mostraria que o tempo livre atual nutriu-se em primeiro lugar do tempo roubado ao trabalho (um assalariado com jornada semanal de 40 horas no Brasil trabalha, grosso modo, 1.800 horas ao ano; no início da revolução industrial, com uma jornada diária de até 15 horas, todos os dias da semana, trabalhava 3.500 horas anuais). Mas não foi apenas o tempo de

trabalho que diminuiu: o tempo familiar também, em função da maior presença da mulher no mercado de trabalho, da introdução de aparelhos domésticos, dos congelados e, nas classes médias, da terceirização dos cuidados com a casa e os filhos. O tempo das obrigações pessoais também diminuiu: higiene, alimentação e sono tiveram uma pequena redução.

O que as pessoas fizeram desse tempo roubado ao trabalho, à família e às obrigações pessoais? Os reformadores sociais do século XIX sonharam atividades de utilidade social para esses tempos: escola, família, participação sociorreligiosa, sociopolítica. Na verdade, converteu-se quase totalmente em tempo de lazer.

Daí porque uma das propriedades do lazer, segundo Dumazedier, é seu caráter liberador. Tanto ao longo da história como da vida cotidiana do indivíduo, o tempo de lazer é vivido como um tempo roubado a alguma obrigação ou compromisso. As demais propriedades – ser a instância mais apropriada para a escolha pessoal; propiciar um uso desinteressado, ao menos do ponto de vista do rendimento monetário ou mesmo material; ser guiado pela lógica do prazer, com base em ideias extraídas respectivamente de Foucault e sua reflexão sobre o cuidado de si (1985), de Kant e sua noção de finalidade sem fim (2006) e da noção de prazer em Marcuse (1999) – ajudam a entender por que os anseios daqueles reformadores sociais foram frustrados.

Entre parênteses: essa frustração, por sua vez, metabolizou-se nas ressalvas que muitos ainda fazem à prática do lazer e explica as restrições, por exemplo, aos feriados prolongados. Dizem seus críticos que causa prejuízo à produção, chegando até a monetizar essa perda. Na verdade, não existe perda! O que existe é a complementaridade entre a economia dos dias úteis (alimentada pela produção) e a economia dos dias feriados (alimentada pelo consumo, sobretudo de lazer). É estranho que essa restrição parta de órgãos, como associações de empresários, que deveriam ter mais consciência dessa engrenagem da economia capitalista.

Pelo que foi afirmado acima, fica claro que o tempo de lazer, não obstante as contribuições da redução do tempo familiar, das obrigações pessoais e dos compromissos religiosos, sempre se mediu basicamente pelo tempo de trabalho, dentro de um axioma, quase nunca explicitado mas sobejamente demonstrado nas pesquisas de orçamento-tempo, de que a quase totalidade do tempo livre converte-se automaticamente em tempo de lazer.

Propõem-se aqui três questões dentro da metodologia escolhida e as respostas possíveis:

a) O tempo de trabalho continuará diminuindo em benefício do lazer?

Na verdade, o tempo de trabalho diminuiu e o tempo de lazer aumentou ao longo de todo o século XX. É apenas no início deste século que surge a primeira inflexão: nota-se um inesperado aumento no tempo de trabalho dos indivíduos.

Quadro 1: Evolução da jornada semanal de trabalho e de lazer da população ativa de 18 a 64 anos no Canadá, EUA e França em anos escolhidos.

	1986		1992		1998		2005		2010	
	Trab	Laz	Trab	Laz	Trab	Laz	Trab	Laz	Trab	Laz
Canadá	45,7	30,3	47,0	—	46	30,9	47,6	29,0	45,5	29,3
Québec	46,3	28,2	42,5	—	41,5	32,3	43,8	29,9	45,9	28,2
EUA	—	—	—	—	40,3	27,6	40,3	27,6	40,04	27,6
França	37,0	26,2	—	—	40,0	27,4	—	—	41,1	26,4

Fonte: PRONOVOST, 2015, pp. 37 e 67

Normalmente já é muito complicado estabelecer tendências em curvas, e mais ainda aqui, com as inflexões inesperadas. Segundo Jonathan Gershuny, um dos maiores especialistas nos estudos de emprego do tempo e líder do grupo Multinational Time Use Studies, o que surpreende é o crescimento recente de duas horas semanais de trabalho nos EUA, ainda não incorporado aos estudos longitudinais. Para ele, isso se deve a um aumento da ocupação apenas entre os mais escolarizados, e não no universo total, e à maior presença das mulheres no mercado de trabalho. Sobre um eventual declínio do lazer, ele se pergunta: “será que a tão sonhada civilização do lazer está sendo substituída por uma sociedade polarizada e dividida entre uma classe subordinada sem trabalho versus uma classe superior superocupada?” (2011, p. 212, tradução livre).

#### b) Maior participação feminina no trabalho e no lazer

Mesmo considerando-se que as horas de ocupação com a família e com os cuidados pessoais têm menos peso no aumento do tempo de lazer, é importante observar sua evolução e correlação. Por esse motivo, traz-se aqui uma tabela referente a outra sociedade desenvolvida, a belga, mostrando as atividades diárias nos quatro campos clássicos da pesquisa de orçamento-tempo: trabalho, família, cuidados pessoais e tempo livre (lazer, prática religiosa e voluntária), que oferece um quadro comparativo do uso do tempo por homens e mulheres. Diferentemente das demais, o tempo de transporte referente a todas essas atividades é medido à parte.

Quadro 2. Evolução do tempo semanal em horas e minutos, por sexo, despendido pela população belga de 19 a 65 anos.

	1966		1999		2005	
	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres
Trabalho / formação	45:59	17:52	28:35	18:59	27:05	17:57
Família	7:21	38:35	14:58	28:08	14:59	26:41
Cuidados pessoais / sono	77:35	79:04	75:53	78:42	75:10	78:50
Tempo livre	29:10	26:42	37:16	33:31	39:34	33:56
Transporte	7:26	5:17	11:13	9:35	11:00	10:22

Fonte: GLORIEUX; VAN TIENOVEN, 2009, p. 16, tabela 1.3.

Segundo os autores do trabalho (p. 91), ainda que “ao longo dos últimos quarenta anos, as diferenças entre mulheres e homens no emprego do tempo tenham se atenuado consideravelmente”, durante o auge da vida ativa (de 25 a 55 anos), o trabalho e a família consomem de 25 a 30% do tempo de ambos, mas o trabalho remunerado consome 10% e a família de 15 a 20% do tempo das mulheres. Entre os homens, inversamente, o trabalho consome entre 15 a 20% e a família 10%.

A primeira conclusão dos autores é “que o emprego do tempo (...) continua em larga medida a apresentar o antigo perfil dos estereótipos sexuais: o homem cuida da subsistência e a mulher se ocupa da casa” (p. 90) e que, embora o tempo de lazer da mulher tenha aumentado consideravelmente, ainda é inferior ao dos homens. Outra análise poderia lembrar que os homens gastam menos tempo com alimentação, higiene e sono do que as mulheres e que, de 1966 a 2005, dobraram seu tempo em cuidados com a família e a educação dos filhos, enquanto as mulheres conseguiram reduzir em 30% aproximadamente o tempo gasto com a vida familiar, acrescentaram sete horas semanais ao seu lazer e gastam um pouco mais de tempo com seus cuidados pessoais, mantendo uma jornada estável de trabalho remunerado.

#### c) Um novo modelo de viver o tempo de trabalho

O tempo de trabalho é o que Pronovost (2015) chama de tempo-pivô, em função do qual os demais se organizam. Mas quando, conforme a observação de Gershuny citada acima, não parece que as pessoas estejam trabalhando mais, e sim que, paralelamente à superocupação de um segmento superior de trabalhadores, desenha-se o aumento no número de pessoas sem ocupação permanente, podem-se aventar duas novas hipóteses: há uma porosidade crescente entre os tempos de trabalho, familiar e de lazer; e o mundo digital está criando um novo modelo de trabalho mais semelhante ao lazer e não necessariamente no ambiente de trabalho convencional. Esta é uma mudança histórica: os limites rígidos entre os tempos sociais estabelecidos na revolução industrial parecem estar voltando, como no mundo pré-industrial, a experimentar uma mútua contaminação.

Argumenta-se, com razão, que já estão superados e quase eliminados (ao menos são objeto de críticas sociais intensas) os modelos de trabalho monótono e penoso existentes outrora, tanto na indústria como nos escritórios. Colarinhos azuis e brancos trabalhavam em locais sobre cuja higiene ambiental não se perguntava, isolados ou tendo sua comunicação interpessoal controlada, quando não proibida, com obediência rígida a horários.

Dumazedier (1979) já observara que o impacto do trabalho profissional sobre o lazer (jornada de trabalho, salário, expectativa de carreira) é cada vez mais substituído pela tendência contrária, do impacto das atividades vividas prazerosamente no lazer sobre os modelos de trabalho. Assim é que, dos ateliês industriais e escritórios sombrios do início do século XX aos escritórios modernos, em que se valoriza a interação pessoal através de espaços inteiramente abertos e integrados com a paisagem externa, um longo avanço se verificou na busca de uma maior satisfação do indivíduo no trabalho. O



mesmo se diga da evolução dos métodos de trabalho: flexibilidade de horários, o chefe que se orgulha da sua equipe que funciona como um time de futebol etc. Ou seja: os valores do lazer invadem o espaço físico e pouco a pouco se sobrepõem aos antigos valores do trabalho.

Ainda é utópico imaginar que um dia haja modelos de trabalho iguais aos do lazer, mas o escritório da Google no início do ano 2000, que mais se assemelha a um parque temático, resta como ícone de uma mudança que, concluída, poderia chamar-se de revolução copernicana ou, na expressão de Marcuse (1999), uma inversão histórica, termo pelo qual ele designou o advento de um tempo livre mais extenso que o do trabalho. Tudo se passa como se, depois de beliscar a metade do tempo de trabalho existente na revolução industrial nos séculos XVIII e XIX, o tempo de lazer invadissem o espaço físico do trabalho e impusesse seus valores.

Desde o início da década de 1970, estudos pioneiros de Renaud Sainsaulieu (2001) já mostraram que a empresa não é apenas uma unidade econômica. É também uma unidade sociológica, portadora de uma cultura própria (não certamente a cultura operária de que se falava na época, mas uma cultura na qual cooperação e competição estabeleciam as bases do relacionamento interpessoal). Começou-se, pois, a falar de uma cultura organizacional que, não raro, conspira contra a cultura oficial proposta pela empresa em seus códigos e, mais até do que os sindicatos, assume características quase de guerrilhas contra os horários e regulamentos.

As tecnologias vêm colaborando para a eliminação dos postos mais penosos, substituídos por dispositivos telemáticos (robôs, máquinas e computadores), mas as empresas de ponta já se deram conta de que o horário rígido justifica-se apenas nas tarefas repetitivas em extinção e nos plantões e de que, quanto mais se depende da adesão do empregado (hoje eufemisticamente chamado de colaborador), menos importante é a rigidez de seu horário de trabalho. No caso das empresas mais voltadas à criação de tecnologia, há mesmo uma revolução na concepção de ambientes, lembrando mais uma vez os emblemáticos escritórios da Google. O aumento do trabalho profissional em casa e não na empresa é outro exemplo. Ainda que não seja a realidade imaginada por Alvin Toffler (1981) de que em breve o trabalho profissional privilegiaria o ambiente doméstico, não há dúvida de que se trata de uma tendência crescente.

Adicione-se a tudo isso o fato de a satisfação do empregado no trabalho ter assumido hoje uma importância estratégica dentro da chamada administração de recursos humanos. Em 1984, uma pesquisa pioneira na França (GROSSIN, 1981) já mostrava que a flexibilidade na jornada de trabalho era mais importante do que a redução de horas semanais ou minutos diários. O equilíbrio entre o trabalho profissional, a vida doméstica e o lazer individual consiste num valor crescente para os trabalhadores, o que pode ser observado na ênfase na motivação para o trabalho, que, certamente, vai muito além do salário percebido (mais do que o efetivamente realizado). Uma série de medidas hoje correntes nos departamentos de recursos humanos poderia ser arrolada, mas aqui talvez, baste uma: os currículos de trabalho devem

fazer obrigatória menção ao lazer, sobretudo no caso dos executivos. Em vez do “vestir a camisa”, que provocava o *workahoolism* (o trabalho como vício) e infartos nos executivos, que levavam segredos e medidas importantes para a gestão, hoje as empresas querem o profissional que cuida de si e da família, pouco se importando e até desejando que eles não permaneçam muito tempo e, mesmo no caso dos mais bem posicionados, que vão adquirir outras experiências profissionais em outras empresas e voltem ainda mais competentes...

Outro problema dos tempos sociais é o tempo de transporte, sempre considerado seu vilão, um tempo morto (e talvez o seja, sobretudo, para os trabalhadores não especializados mais idosos), donde a emergência de estudos sobre a temática da mobilidade urbana. Mas deve-se observar que esse tempo já não é morto para uma grande parcela da população, inclusive de renda mais baixa, e sim uma oportunidade para o lazer, quando se conectam os amigos nas redes sociais, ou para o trabalho, quando se procura adiantar as tarefas. Ou seja, as fronteiras aqui também são cada vez mais porosas.

#### d) O caso da sociedade brasileira

Os países antigamente chamados de subdesenvolvidos, em vias de desenvolvimento ou, no caso do Brasil, de emergentes, guardam relativa semelhança com a situação dos países abordados. Em ambos os casos, já não se fala mais em nova redução da jornada de trabalho, e sim em sua flexibilização.

Em outro artigo (2009; 2011) já mostrei a situação específica da jornada de trabalho no Brasil. Tendo iniciado tardiamente o processo de industrialização, no início do século XX, com as pesadas jornadas de trabalho do auge da revolução industrial europeia e norte-americana, com idênticas reações dos trabalhadores e da sociedade, o país teve a situação resolvida com a Consolidação das Leis do Trabalho de Getúlio Vargas, na década de 1930. Como num passe de mágica, os trabalhadores foram agraciados com uma legislação ainda mais arrojada do que a conseguida até então pelas sociedades avançadas: a jornada diária de 8 horas, semanal de 48 horas, reduzida na Constituição de 1988 para 44 horas.

Em 1985, os metalúrgicos do ABC Paulista, contando com a adesão dos colegas da cidade de São Paulo, com uma participação de 290 mil trabalhadores, realizaram uma greve de 54 dias, reivindicando as mesmas 40 horas semanais dos trabalhadores de colarinho branco. De tempos em tempos, os sindicatos voltaram a reivindicar a jornada de 40 horas, mas sem dúvida a proposta era o chamado “boi de piranha”, cláusula destinada a ser sacrificada em benefício do bem tido como maior, o salário.

De qualquer forma, também no Brasil, alguns estudiosos, como Christianne Gomes (2004), já notaram que as fronteiras entre o trabalho e o lazer diminuíram e tendem a diminuir cada vez mais, à medida que a carga lúdica do trabalho aumenta e que o lazer se interpenetra em outros tempos do cotidiano, seja na vida doméstica, seja no transporte, seja na escola, seja nas reuniões de trabalho.

A questão principal, contudo, não diz respeito aos trabalhos do mercado formal e repete o mesmo cenário que descrevi em minha tese de doutorado (1982a). Hoje como naquela época, o grande problema, quando se discute o tempo de lazer, é a grande parcela da população ativa no mercado informal de trabalho. No ritmo das crises econômicas, esse contingente de trabalhadores informais cresce e decresce. Não obstante a imprecisão das estatísticas, em 1982, no balanço efetuado em minha tese, verificou-se que em alguns poucos redutos como o eixo São Paulo–ABC–Campinas, os trabalhadores formais representavam 70% da população economicamente ativa, quase o padrão europeu. Para o resto do país, a taxa de 50% parecia a mais provável. Essa população reduziu-se de forma significativa ao final da primeira década deste século, mas não de forma sustentada, já que voltou a aumentar, chegando hoje, tal como naquela época, aos mesmos 50% em algumas grandes cidades.

Sem esquecer a gravidade do problema do ponto de vista pessoal e familiar dos trabalhadores, perguntei, na época, se existia diferença, no que respeita ao lazer, entre os trabalhadores do setor formal e informal. Por mais que a situação seja afrontosa no plano socioeconômico, o mesmo não foi verificado na vida sociocultural. Em artigo dedicado especialmente a este tema (1982b), com base em extensa pesquisa realizada em 1978 na cidade de Americana-SP, a conclusão foi de que a diferença existia talvez (já que essa questão não foi verificada) no gasto com o lazer e não no tempo ou nas atividades de lazer escolhidas.

O tempo familiar continuará diminuindo? Há duas dinâmicas que se confrontam aqui. A primeira é a que se encaminha para uma concordância geral de que o cuidado com os filhos não pode ser delegado da forma como se faz hoje. Os pais são cada vez mais instados a ter consciência de seu papel inalienável de educadores. Donde a exigência de maior presença na escola, mais tempo quantitativo e qualitativo com os filhos etc. A flexibilidade da jornada de trabalho desempenha um papel importante nessa dinâmica. Quanto mais flexível, maiores são as possibilidades de os pais dedicarem mais tempo ao cuidado dos filhos. A prática do banco de horas não é a ideal, já que seu uso para folga depende da empresa, mas é um bom caminho. Quem sabe um dia os sindicatos se ocupem do assunto.

De outro lado, há o aumento considerável do número de pessoas que vivem sozinhas. De 2005 a 2015, segundo o IBGE (2016), esse número, no país, passou de 10,4% para 14,6%. Em parte a situação se deve ao envelhecimento da população, e ao contingente de pessoas que, por viuvez ou escolha pessoal, vivem sozinhas. Mas não se pode descartar como motivo adicional a maior possibilidade de se liberar das obrigações domésticas. A indústria imobiliária trabalha arduamente nesse sentido, criando formas de habitação inteligente, que dispensam o gasto de tempo pessoal do morador, associando o manejo da casa a engenhocas informatizadas, em breve robôs.

Concluindo: ainda que as estatísticas sobre os tempos sociais conheçam uma relativa estabilidade, o crescimento do lazer parece caminhar numa direção não muito nítida, mas que, pode-se dizer, não é mais de aumento do tempo propriamente dito, e sim da transformação dos modelos de trabalho.

## PERSPECTIVAS PARA O ESPAÇO DE LAZER

Se, no início, os estudos do lazer foram objeto de preconceito acadêmico por parte dos estudiosos em ciências sociais, os urbanistas nunca tiveram dificuldade em enxergar sua importância. Eles assistiram à grande transformação da cidade medieval (no Brasil, a cidade colonial) – murada, de acesso controlado, reduto minoritário da população, dependente do campo, tendo como lógica de ocupação o trabalho burocrático, a atividade artesanal e a vida religiosa – na cidade moderna atual.

Esta, por sua vez, nascida da revolução industrial capitalista, estava voltada cegamente à lógica da produção industrial, sem se dar conta dos efeitos paralelos, em especial a poluição do ar e dos rios. O capitalismo, porém, estava encadeado também ao reverso do fenômeno: a única razão para ganhar produzindo é gastar. Sem consumo, o que fazer da produção? Os equipamentos urbanos de lazer – bares e restaurantes abertos às famílias, teatros abertos à população, parques e locais de entretenimento – podem assim ser vistos também como uma solução capitalista para os ganhos obtidos com a produção, o que leva numerosos analistas (PEIXOTO, 1987) a simplesmente tomarem lazer e consumo como sinônimos.

Mas esses equipamentos, não obstante sua gênese primeira, são humanizadores da cidade, e este fato foi valorizado pelo urbanismo desde o início. Já no primeiro documento sobre urbanismo, a Carta de Atenas, concebida no IV Congresso Internacional de Arquitetura (1933), o lazer se apresentava como uma categoria básica na organização do espaço urbano. Os signatários desse manifesto urbanístico preconizavam uma cidade cujo espaço se estruturava em torno de quatro funções: o trabalho, a moradia, a circulação e o lazer.

Por constituir um meio profissional muito dinâmico e conectado com as inovações, é natural que o urbanismo logo introduzisse novas ideias sobre o planejamento urbano e críticas à Carta de Atenas, inclusive à sua inspiração funcionalista, à rigidez na delimitação daqueles espaços (Brasília é um exemplo) e mesmo à pretensa capacidade de o espaço organizado induzir comportamentos. Mas, passados quase cem anos da Carta e com toda a energia transformadora que o urbanismo carrega, em nenhum momento a importância do lazer foi contestada.

O crescimento selvagem das cidades na América Latina, a fuga das classes abastadas para as periferias urbanas transformando os centros das cidades em espaços esquizofrênicos (ocupação intensa durante o dia e espaços mortos às noites), que mereceram do antropólogo Claude Lévi-Strauss a sentença de que são cidades que passaram da infância à velhice sem conhecerem a maturidade, estão na base de novas reivindicações quanto ao planejamento urbano.

Os urbanistas, diferentemente dos sociólogos, perceberam a simbiose entre o comércio e o lazer e não endossaram o processo que, como diz Daniel Roche (2000), os sociólogos moveram contra o consumo. A chegada dos shopping centers na década de 1960 é um exemplo. Sociólogos e urbanistas expuseram suas críticas e receios. Para os sociólogos, eram o ícone do consumo

capitalista. Para os urbanistas, um problema para a circulação e o pequeno comércio. Talvez até quisessem, como ocorre em várias grandes cidades do mundo, que eles fossem aceitos apenas fora dos centros urbanos expandidos, mas anteviram o fato de serem predominantemente centros de lazer.

Esses centros comerciais, cuja âncora inicial eram os grandes supermercados e hipermercados, pouco a pouco tiveram essa âncora substituída pelos equipamentos de lazer: cinemas, teatros, espaços de boliche, patinação etc, tendo como ligação entre os ambientes comerciais e lúdicos aquilo que viria a ser difundido e conhecido como praça de alimentação.

Mais do que ninguém, os urbanistas souberam entender a observação de Gilberto Freyre (1961) de que as catedrais góticas medievais estavam para a Idade Média como o Grande Hotel para a passagem do final do século XIX para o século XX e, pode-se acrescentar, como o macroequipamento de lazer (hotel, estádio, biblioteca, centro cultural etc.) está para a transição do século XX para o XXI.

Se é possível antecipar o futuro do espaço de lazer, cabe lembrar as tendências que vêm se firmando, seja no bojo de iniciativas pioneiras, seja como conclusões de pesquisas, como projetos urbanísticos etc.

#### a) A cidade é lazer

Por que as cidades incharam tanto? É óbvio que os migrantes desempenharam um papel, mas seus novos habitantes eram moradores de zonas rurais e pequenas cidades esquecidas no interior do país. Por muito tempo, interpretou-se o êxodo rural apenas do ponto de vista da problemática da terra, do indivíduo expulso. Desde o estudo de Antonio Candido (1964) sobre a cultura caipira, conhecem-se os elementos mais trágicos da vida rural: o tédio do cair da noite e a atração das luzes da cidade. Isso explica em boa parte o fracasso dos programas de reassentamento rural de boias-frias: não voltar a ser o “jeca”, ficar na cidade era o que fazia sentido para eles.

As luzes da cidade! No imaginário do homem rural que veio para a cidade, construiu sua infraestrutura e dela se fez infraestrutura, a cidade é, em si, a festa. Na cidade existe a diversidade, a animação, os diferentes e nela também é possível encontrar os iguais, os *peer groups* de Riesman (1995), a nova bússola para viver no novo meio, substituindo o pai e a família.

Talvez seja apenas assumindo a visão de um “jeca” que o homem urbano de hoje possa entender por que, para ele, a cidade tem o dever de ser bela, por que sua fealdade é abominada e vivida como um constrangimento e por que o entretenimento na cidade é tão necessário como sua família e seu trabalho. A cidade foi feita para flunar, para caminhar sem rumo, a menos que entendamos ruas, avenidas e praças unicamente dentro da utilidade urbana para a mobilidade. Não é por outro motivo que a estética urbana é essencial inclusive como uma política pública de lazer. Nos tempos mortos do cotidiano, mormente nas longas horas de engarrafamento do tráfego, a beleza da cidade talvez seja a única forma de reconciliação do indivíduo com as vicissitudes do cotidiano.

Enfim, mais do que um conjunto de equipamentos de lazer, a cidade é vivida e desejada como um espaço de lazer em si (BRANDÃO, 2006). Como observa Rolnik (2000), ao invés do lazer na cidade, hoje se fala da cidade como lazer ou do lazer encarnado na cidade, “estreitando a relação de uns cidadãos com os outros, ou seja, um lazer com funções pessoais e sociais, identificando com a dimensão pública da cidade. O lazer passa a ser o componente primordial da denominada qualidade de vida”.

A primeira inovação que se descortina sobre o futuro da cidade é, pois, que dela se esperam as condições de um equipamento de lazer, inclusive a beleza de seus cenários. Espera-se uma cidade-lazer com os mais diversos equipamentos produzidos pela imaginação mais lúdica possível de arquitetos: ginásios esportivos, escolas de esporte, arte e música, restaurantes, bares, parque urbanos e temáticos com áreas de aventura para os mais exóticos esportes existentes e a serem criados, zoológicos respeitadores dos direitos animais, campings, rios recuperados e adaptados ao lazer dos habitantes, salas de teatro, de cinema, hotéis, todos capazes de suscitar o desejo da experiência (de que se falará adiante).

#### b) O rural entremeado ao urbano

A noção de área verde é essencial desde que a cidade industrial de crescimento selvagem e habitada por maus odores de toda espécie passou a incomodar a população, com doenças de toda ordem. A partir das pesquisas de Koch e principalmente de Pasteur, no início do século XIX, concluiu-se que o mal não estava no próprio organismo (miasmas), e sim no meio ambiente, nos micróbios. Com a revolução higienista iniciada na época, abriu-se a necessidade de parques e praças como espaço de respiração, de ar puro, em meio à poluição das cidades. Não por acaso os grandes parques nascem por volta da metade do século XIX – Hyde Park (Londres), Bois de Boulogne (Paris) e Central Park (Nova York).

Aos poucos, contudo, mais do que o verde na cidade, o ideal passou a ser a cidade verde, donde o conceito de cidade-jardim de Ebenezer Howard, “como um esquema teórico de uma cidade autônoma, de gestão comunitária, de dimensão limitada por extensa faixa agrícola que a circundava e caracterizada por altas taxas de áreas verdes” (REGO, 2001), tão difundido no mundo, inclusive em São Paulo, com seus Jardins (América, Europa, Paulistano etc.).

Hoje, a ideia vai além. Propõe-se uma progressiva integração entre o urbano e o rural, o conceito de espaços transicionais entre a cidade e o campo. Conforme Simard (2012), esses espaços “podem ser definidos como territórios cuja paisagem, arquitetura e utilização do solo são diversas dos tipos ideais do rural e do urbano” (p. 118, tradução livre). Entendem-se, assim, iniciativas como hortas em avenidas, em terraços de edifícios, jardins implantados em empenas cegas de edifícios etc., tão comuns hoje.

Iniciativas do gênero, favoráveis a uma ambiência positiva de lazer, constituem, certamente, uma tendência no horizonte das cidades.

### c) Ênfase na mobilidade associada ao lazer

O tema da mobilidade nasce no foco de uma discussão sobre o homem em movimento, tanto em sua cidade como no mundo. Por isso interessa ao estudo tanto do lazer como do turismo, sendo uma forma, inclusive, de estabelecer um nexos entre ambos (ALLIS, 2014).

De forma didática e correndo o risco de reduzir o peso do argumento do autor, é como se a mobilidade turística de alguma forma se ligasse ao lazer deficiente das cidades. Aliás, essa tese está presente também em Krippendorf (1989), para quem o paradoxo é que antigamente se viajava para conhecer paisagens e culturas e hoje se viaja porque não se aguenta a má qualidade de sua vida cotidiana na cidade onde se mora, donde a razão de seus conselhos finais de viajar para cada vez mais perto e não sair de casa. A mudança de paisagem, de estilo e de ritmo de vida, essencial na noção antropológica de turismo, pode acontecer perto do indivíduo, às vezes na própria casa, numa pesquisa sobre seu próprio passado e si mesmo, o que bem se poderia qualificar de proposta de um turismo interior.

Cuidar da mobilidade urbana é, assim, uma estratégia que valoriza, no indivíduo, a circulação em sua própria cidade, de certa forma tornando-o um turista em sua própria cidade, sempre percebendo que está ligado com o mundo. Tudo se passa como se a diretriz fosse aprender a divertir-se em casa para melhor divertir-se no mundo. Iniciativas como a criação de ciclovias (em algumas cidades do Canadá já existe uma divisão de pistas para ônibus, carro, bicicleta e patins) e outras deste molde devem começar a surgir.

Outro foco de ação será o terminal de transporte. Esse tipo de equipamento urbano destina-se a pessoas que aguardam uma condução, querem sair no horário de pico, mesmo com o risco de enfrentar congestionamentos nos seus percursos de ida e volta do trabalho. Qualquer demora pode ser um tempo morto, perdido. O terminal pode fornecer-lhe incentivos para ali permanecer e aguardar o horário mais apropriado para sua viagem. Não apenas por uma lógica econômica, mas por outra associada ao lazer, as estações de metrô de São Paulo descobriram sua vocação de shopping center.

### d) Do shopping center ao centro moderno de convivência

Os shoppings centers nasceram como espaços comerciais e logo descobriram sua vocação para o lazer. Muito rápido, aqui no Brasil, esse equipamento passou a ser objeto da reivindicação de cidades que o queriam associado à sua identidade. Ter um shopping, nas cidades médias, passou a ser questão de status e de valor.

Enquanto lazer, o shopping é uma forma lúdica de uso de um espaço comercial. As vitrines em si são atração, sem falar do cinema, do teatro, da livraria, da academia, da piscina, da pista de boliche ou de patinação. Não por acaso, tornaram-se os programas prediletos dos domingos à tarde e dos fins de semana em geral e seu prestígio derrotou até mesmo o tabu da proibição do trabalho aos domingos e feriados.

Não por acaso, também, esse modelo passou a se multiplicar adaptado a outros espaços. Hoje, os saguões de faculdades, hospitais e várias formas de comércio e serviços percebem o apelo lúdico do shopping e têm uma arquitetura que remete de imediato ao seu modelo: um espaço central utilitário cercado por diversos espaços lúdicos associados, inclusive a praça de alimentação.

Há, contudo, um risco no horizonte. O comércio on-line hoje é uma ameaça aos shoppings e surge um novo conceito: o de centros de convivência. A última Expo Retail Real Estate, realizada em São Paulo em 2017, já trouxe à discussão esse novo modelo: mais do que um centro de compras, o shopping do futuro será um polo de entretenimento e lazer – com muitos serviços, bons restaurantes e, claro, também lojas. Sem necessidade de âncora, o que importará são os amplos espaços de lazer, propícios ao convívio, tudo dentro de um belo cenário e bom suporte tecnológico<sup>2</sup>.

Já há várias evidências do sucesso desse conceito. As áreas 24 horas, que tiveram como pioneira a cidade de Curitiba, hoje copiadas com sucesso, e o modelo do Kinoplex em São Paulo, são dois bons exemplos.

#### e) O caso do Brasil

Como entender tudo isso quando se vê no Brasil todas as formas de patologia do espaço – residências em área de risco de alagamento e destruição, periferias cuja arquitetura pode ter no câncer não uma metáfora, mas uma metonímia? Tal como a proliferação de células sem uma espécie de comando central do organismo, que explica o câncer, as periferias crescem ao sabor dos especuladores urbanos, sem nenhum controle do poder público.

O mais admirável é que, ao invés de reduto de patologias, são espaços de uma efervescência cultural que causa inveja aos moradores das regiões mais nobres. Equidistante do risco de resvalar numa romantização dessas áreas e do risco contrário de pregar sua extinção como chagas urbanas, esses cânceres com certa facilidade transformam-se, ganham vida e, ao invés de negar, confirmam a importância do lazer. Ao lado de uma infraestrutura urbana mínima de educação, saúde e segurança, os atrativos de lazer é que elevam o autoconceito dos moradores. Eles também querem lazer em todas as suas formas: esporte, ginástica, música, dança, centros comunitários.

A necessidade de equipamentos de lazer em nosso país está em todas as áreas e em todas as escalas: vizinhança, bairro, cidade, metrópole. Sem dúvida, os gastos da Copa do Mundo e das Olimpíadas em elefantes brancos são causa de escândalo porque invertem a regra de que a função cria o órgão. O contrário também pode ser verdade, como dizia o bordão do saudoso Jorge Wilhelm, mas à condição de um esforço sério e concentrado na criação e manutenção da função. Em todo caso, sempre é melhor contar com o esforço disseminado em pequena e média escala nas cidades, clubes, academias físicas e de arte e de música, que pouco a pouco clame por espaços mais amplos.

---

<sup>2</sup> <https://exame.abril.com.br/negocios/economidia/os-shoppings-do-futuro-terao-cada-vez-mais-areas-para-convivencia-e-lazer/>.



Existe na sociedade brasileira, em especial nas faixas mais carentes, alguma aspiração a essas noções de uso do espaço observadas em países desenvolvidos? A resposta é certamente positiva. Pode-se citar, como evidência empírica, o resultado de pesquisa realizada pelo Centro Brasileiro de Análise e Planejamento (Cebrap) em 1972 na periferia de São Paulo. Na resposta à questão sobre as necessidades sentidas pelos moradores, os parques públicos estavam em quarto lugar, atrás de hospitais, escolas e infraestrutura de saneamento, mas à frente das reivindicações de entrepostos de alimentação e mesmo de transporte. Esses dados foram considerados pelo primeiro analista um sinal evidente de que o lazer não era uma necessidade básica da população, apreciação excluída na publicação da pesquisa, certamente como ideológica (CARDOSO, 1975). Pode ser considerado igualmente ideológico afirmar-se que os dados eram um sinal evidente da alienação ou de sacrifício dos moradores de suas necessidades pessoais em benefício das necessidades dos filhos, mas é uma hipótese a ser levantada conjuntamente.

Quem sabe, um dia, a depender do desenvolvimento do país, esses espaços ocupados pelas faixas mais carentes da população sejam destruídos e transformados em modernas instalações de trabalho ou de habitação e de lazer. Hoje, ao que tudo indica, o desafio que se apresenta a arquitetos e urbanistas é um olhar hospitaleiro para essas áreas degradadas sob viadutos, favelas, terminais de transporte etc., visando transformá-las em espaços de convívio e valorização da cidadania.

## **O FUTURO DAS ATIVIDADES DE LAZER**

Segundo Pronovost (2015), algumas das principais tendências nas sociedades desenvolvidas quanto às práticas de lazer são as seguintes:

- Uma nítida preferência por esportes e atividades ao ar livre

Mesmo que a participação em clubes esportivos seja importante, não é a forma de atividade esportiva mais popular. A atividade dominante já há algumas décadas é a caminhada, seguida da bicicleta sob todas as suas formas, os esportes náuticos, em particular o banho ocasional, e mesmo a jardinagem.

- Reconfiguração das atividades culturais na cidade

Observa-se uma popularidade continuada das práticas culturais amadorísticas, em particular no campo das artes plásticas e da música, mas concorrência cada vez mais forte da “criação apoiada no computador”.

- Diminuição das saídas de casa para programas culturais devido à concorrência do digital

Há evidências de estabilização da frequência a equipamentos culturais e mesmo leve declínio: o exemplo típico é a frequência a museus de arte, ainda que se note crescimento da frequência a museus de ciência; as livrarias tornam-se mais populares que as bibliotecas. A sala de cinema resiste e mantém-se como programa predileto.

- O gosto da festa

Importância crescente da participação nas festas urbanas e de todos os tipos de festivais: a maioria da população declara frequentá-las; depois do cinema, é a atividade mais popular.

Quais as tendências? A busca da experiência através do recurso à tecnologia deve ser o mote para as principais perspectivas para as atividades de lazer:

- a) A ênfase na experiência

Essa é uma tendência hoje difundida no turismo, mas que começou no lazer. Em vez de simplesmente o olhar, exige-se a experiência, o uso de todos os sentidos. Já na década de 1970, nascem as primeiras iniciativas como forma de evitar a banalização do artesanato na França, que se chamou de *industrialianato*. Se o turista gostou de um objeto, por que não aprender a fazê-lo no mesmo lugar, com os mesmos artesãos, em vez de aumentar artificialmente a oferta e banalizá-la? A partir daí surgem outras iniciativas: aprender a técnica para elaborar as receitas gastronômicas nos mesmos restaurantes em que são apreciadas; no agroturismo, visitar e participar da ordenha e das tarefas rotineiras de fazenda etc., formas de turismo em que existe interação real com o espaço visitado, em experiências que façam sentido.

Aqui se incluem também as chamadas experiências de sentidos que não suscitam desejo de retorno. Um bom exemplo responde à pergunta: como seria dormir num iglu? Surgem os hotéis de gelo que são construídos no inverno e derretem na primavera para turistas de apenas uma noite, que não gostariam de voltar a dormir sob uma manta de rena suada pelos turistas anteriores, nem de dormir novamente num quarto belíssimo, ornado de obras de arte temporárias, mas numa temperatura de  $-5^{\circ}\text{C}$  e sem possibilidade de ir ao banheiro de madrugada...

A imaginação se move sem limites, e os esportes radicais estão aí em número cada vez maior para a experiência individual, desde os mais conhecidos, como montanhismo, alpinismo, paraquedismo, rapel, *rafting*, *canyoning*, até os menos conhecidos como *base jump*, *boulder*, *sky surfing*, numa lista que não deve parar nunca de crescer.

Os menos ousados também terão sua vez de experimentar através dos simuladores de todos os tipos: de voo, de carro, de vida virtual etc., e um sem-número de outros já a caminho: a experiência da gravidade zero, a viagem espacial, a viagem dentro do corpo humano. A salvo dos perigos, os praticantes poderão ter a mesma dose de vertigem e adrenalina que os mais dotados da necessária *ataraxia*, aqui entendida como a ausência de medo ou de sensação de perigo.

Outro recurso que deve em breve se difundir para a valorização da experiência individual é a chamada Realidade Aumentada<sup>3</sup> ou RA (KIRNER;

---

<sup>3</sup> A *Revista Hospitalidade* publicou um número especial sobre esse tema, acessável em <https://www.rev Hosp.org/hospitalidade/issue/view/67>.

TORI, 2004), ambiente criado por gráficos, gerados por computadores em três dimensões e em tempo real, com a inserção do mundo virtual no mundo real. A recente febre do Pokémon é um exemplo da aplicação da RA. Em breve, ao entrar numa exposição sobre dinossauros, o visitante não deverá se espantar se, do nada e do chão, emergir um exemplar da espécie.

A holografia, uma imagem tridimensional obtida a partir da projeção da luz sobre figuras bidimensionais, deve deixar as mesas dos programadores de efeitos especiais no cinema para frequentar salas de exposições. Da mesma forma como no cinema, em breve se poderá passear num centro histórico de São Paulo da década de 1920 ou na pororoca do rio Amazonas.

Outros recursos estão na fila? Certamente que sim!

b) As transformações do museu, da biblioteca e dos espetáculos

Museus e bibliotecas estão em franco processo de mudança de conceito. Pouco a pouco se tornam centros culturais, espaços para atividades variadas tanto de prática como de assistência e estudo. Essas mudanças devem continuar a acontecer na velocidade da tecnologia e das experiências passíveis de serem suscitadas.

É necessário entender o movimento de baixa da frequência a museus e bibliotecas convencionais em contraponto ao enorme entusiasmo que despertam as mostras e exposições que, em São Paulo, provocam filas inimagináveis décadas atrás. De depósitos da cultura e do passado, museus e bibliotecas tornam-se produtores de cultura viva, estabelecendo nexos entre o conservado e o transformável, entre o presente e o futuro.

O mesmo se passa com os espetáculos. Há uma enorme diferença entre o show de Frank Sinatra no estádio do Maracanã, no Rio, em 1980, e os atuais espetáculos musicais, como o Rock in Rio, o Lollapalooza e os shows das celebridades musicais. No Maracanã, no show que, segundo ele mesmo, atraiu o maior público de sua carreira, de 200 mil pessoas, Sinatra e orquestra evoluíam num tablado e com o microfone na mão girava como se quisesse aparecer inteiramente para todos os cantos das arquibancadas.

Já hoje o espetáculo é uma mistura de cinema (efeitos especiais), teatro (há um diretor de cena) e música, com direito a todas as inovações tecnológicas conhecidas. O feito de Sinatra em matéria de público já foi superado várias vezes, e é certo que a tendência de aprimoramento tecnológico dos espetáculos vai continuar.

c) A banalização da música, da fotografia e do cinema

É famosa a crítica de Adorno (1975), que conheceu apenas fonógrafos, gramofones e vitrolas, sobre a perda de qualidade da escuta musical quando se passa da música ao vivo para a música gravada. Que diria ele se conhecesse a febre da escuta pelos celulares? O que seria mais criticável? A perda de qualidade da audição musical ou o aparente autismo e autoisolamento dos que parecem olhar metafisicamente para um ponto qualquer do espaço com um fone de ouvido?

Sem dúvida, há várias formas de se analisar o fenômeno e nem todas são tão negativas. Afinal, antes dos celulares, as pessoas nos ônibus não tinham o hábito de confraternizar-se indistintamente nem de provocar conversa com o vizinho de banco. Ao contrário, pode-se dizer que a música do celular anima horas que, de outra forma, seriam mortas.

Nem negativo nem positivo, vê-se que as pessoas, da mesma forma que no cinema assistido pela televisão, perdem em qualidade de fruição: as atividades permitem apenas tomar conhecimento da obra, e às vezes nem isso.

A banalização da música também vem de seu uso indiscriminado como ilustração de comerciais. As pessoas pensam que conhecem a Nona Sinfonia de Beethoven de tanto ouvir a frase musical célebre do último movimento, cantada com a *Ode à alegria* de Schiller. Exemplos como esse podem ser numerados à exaustão.

O mesmo pode ser observado com a fotografia. Antes um exercício complicado que envolvia compra de aparelho, de filmes, a clicagem comedida (“filme custa caro!”) e revelação obrigatória, já que de outra forma não se saberia o conteúdo filmado, hoje é uma atividade possível a um simples toque do celular (que se repete várias vezes, já que não há custo) e com resultado imediato no visor. Essa facilidade está na origem da febre de fotos pelo celular, aumentada pela tecnologia de *selfies*.

O que os indivíduos fazem com tantas fotos? Eis aí a questão que, sem resposta, pode levar à exaustão da prática... Haverá uma reação a essa tendência?

#### d) A explosão de práticas patológicas de lazer

Nem sempre a tecnologia está a serviço de melhoria da civilização. Ao contrário, até pode dar origem a práticas indesejáveis sob qualquer ótica. O antropólogo Roger Caillois (1990) já alertava para o fato de que o lúdico tem sua outra face, que ele chamou de corrupção do lúdico: a aventura pode dar lugar ao jogo profissional; a vertigem, às drogas; a competição, à violência física ou simbólica (consumo); a fantasia, à concretude psicótica. O sociólogo Joffre Dumazedier (1979) alertava para práticas como rachas noturnos, alcoolismo e drogas pesadas como patologias do lazer. O filósofo Michel Bellefleur (2002) fala de determinadas práticas socialmente indesejáveis no tempo livre como a face sombria do lazer, e o sociólogo inglês Chris Rojek (1995) fala de *deviant leisure*, a propósito do sadismo e do masoquismo sexual.

Qualquer que seja o nome, é certo que a tendência é a diversificação de formas, na contrapartida do esforço dos órgãos de segurança por reprimi-las em suas manifestações mais perturbadoras. No que diz respeito às drogas, a tendência é o abandono das ditas drogas naturais produzidas por plantas, como é o caso da maconha, da cocaína e do ópio, para as drogas de laboratório e, nesse caso, a lista é infinita. Também é certo que o reduto de tais práticas é o lazer noturno, associadas à demanda de sexo, sendo difícil separar o que representa uma simples alternativa a práticas tradicionais – como o *swing*, o poliamor – e as formas em que estas atividades se conjugam com

práticas incontrolláveis que facilmente descambam para o indesejável individual e socialmente.

Em contraponto a tudo isso, existe a área do lazer terapêutico, mais conhecida entre nós como terapia ocupacional que, segundo o próprio Guia do Estudante, “estuda e emprega atividades de trabalho e lazer no tratamento de distúrbios físicos ou mentais e de desajustes emocionais e sociais”<sup>4</sup>. Seus principais campos de trabalho incluem clínicas, casas de repouso, hospitais, instituições geriátricas, psiquiátricas e penais, centros de reabilitação, creches e empresas. Além disso, o profissional está habilitado a prestar atendimento aos pacientes em domicílio.

Esta área aponta para um conteúdo importante na formação dos profissionais de lazer em geral. A exclusão no lazer não pode ser tratada apenas e tão somente no âmbito da cultura. A bioquímica e mesmo a etologia podem prestar grandes serviços para entender o problema da dificuldade de acesso ao lazer por pessoas afetadas por distúrbios hormonais que comprometem o equilíbrio do humor, em suma, por todas as formas de depressão e estresse.

#### e) O caso do Brasil

Trago aqui um resumo das observações desenvolvidas no meu posfácio a Pronovost (2011). Infelizmente, não há estudos longitudinais em relação a práticas de lazer. Para preencher essa lacuna, citam-se aqui três pesquisas: duas conduzidas por mim, a primeira em 1978, na cidade paulista de Americana<sup>5</sup>; a segunda, na cidade de São Paulo, em 1995<sup>6</sup>; a terceira, na região metropolitana de São Paulo, junto ao CEBRAP, em 2005<sup>7</sup>. Para que a análise longitudinal fosse mais consistente, haveria necessidade de bases amostrais iguais e assemelhadas, e não, no caso aqui, de uma cidade média, de uma metrópole e de uma região metropolitana. Não obstante, os dados colocados em perspectiva podem ao menos prevenir certos preconceitos ainda correntes no meio acadêmico sobre o campo de estudos do lazer.

Com todas essas ressalvas, os resultados foram os seguintes:

- Televisão – os resultados mostraram um número cada vez menor de espectadores diários: 83% em 1978, 67% em 1995 e 69,1% em 2005. As conclusões possíveis: acompanhando a evolução internacional, o modelo atual com grade fechada está sendo substituído por outro, em que a tevê é apenas o melhor aparelho reproduzidor de produções, ao lado do computador e do celular, no modelo do *streaming*.

---

4 <https://guiadoestudante.abril.com.br/blog/pordentrodasprofissoes/o-que-o-terapeuta-ocupacional-faz-e-onde-como/>.

5 “Práticas e aspirações culturais no tempo livre da população de cidade média moderna brasileira”. Sondagem realizada pelo Sesc em Americana, em 1979, com uma amostra probabilística de 1.298 habitantes acima de 14 anos. A pesquisa foi assessorada por Joffre Dumazedier e realizada em moldes semelhantes aos de sua pesquisa clássica em Annecy, uma cidade francesa também média (Dumazedier, 1974).

6 “Práticas e aspirações culturais da população da cidade de São Paulo”, Sesc, 1995. Sondagem realizada com uma amostra de 1.233 habitantes acima de 15 anos, em moldes semelhantes aos da pesquisa anterior.

7 “O uso do tempo livre e as práticas culturais na Região Metropolitana de São Paulo”, Cebap, 2005. Sondagem realizada com uma amostra probabilística de 2.002 habitantes.

- Leitura de livros – a sondagem de 1978 mostrava que 38,5% dos entrevistados tinham lido ao menos um livro nos últimos 12 meses; a de 1995 registrou 53% e a de 2005, 40,5%. Como interpretar essas diferenças? A pesquisa de 1995 registra uma progressiva queda percentual entre os que disseram ter lido apenas um livro (10%) e seis livros (4%) voltando a subir para os que leram mais de 6 livros (10%), como se atividade estivesse em franca decadência, mas, uma vez instalado o prazer, o indivíduo não se contentasse mais com um só livro.
- Escrever – a escrita desinteressada, prazerosa, seja ou não para publicação, mostra que, tal como no caso da leitura, é reduto cada vez maior de aficionados (8,2%, em 1978, 10,1% em 1995 e 9,3% em 2005). Para quase 90% da população, é um hábito que resiste nas redes sociais, à margem da ortodoxia gramatical. Supõe-se que a escrita como prática corrente subsistirá apenas até que a reprodução escrita da voz esteja mais dominada.
- Frequência a salas de cinema – estas conhecem uma capacidade de sobrevivência inesperada. Apesar do ataque do *home theater*, a frequência mensal subiu de 12,9% para 19,4% entre 1995 e 2005. A que tributar tal aumento? A hipótese que parece dar mais conta do fenômeno é a curiosa tendência da tecnologia em criar uma forma de entretenimento externo mais elaborada, acompanhada de uma alternativa de menor qualidade para uso doméstico.
- Frequência ao teatro – de 1995 a 2005 o percentual se manteve entre os que assistiram ao menos uma vez nos últimos 12 meses a uma peça de teatro: 11% em 1995 e 11,5% em 2005; em 1995, o percentual foi de 2% para os de renda familiar de até 1 salário mínimo e 14% entre os que tinham renda acima de 20 salários mínimos.

O que ocorre no teatro talvez seja significativo para todos os lazeres mais “sofisticados”, valendo igualmente para ópera, tênis, golfe, badminton etc.: trata-se de práticas de minorias em todas as classes sociais.

- Esportes – em outra pesquisa, de 1993, o Sesc e o Instituto Gallup chegaram aos seguintes resultados na região metropolitana de São Paulo: os praticantes dividem suas preferências entre caminhada e corrida (37%), futebol e futebol de salão (36%), ginástica (17%), vôlei, basquete e handebol (15,5%), ciclismo (13%), natação (12%), dança (5,5%), orientais/marciais (7%). Os locais destas práticas são parques/ruas/praças (52%), academias (22%) e a própria casa (9%). A pesquisa de 2005 mostrou dados assemelhados: 30,3% de praticantes de futebol, outros esportes 29%, ginástica 35,7%.

Esses resultados mostram que, com o avanço da escolarização, a diferença entre o esporte e outras práticas físicas tende a diminuir. Vale a pena ressaltar que as práticas sondadas nessas pesquisas se acomodam demasiado em parâmetros de um lazer que se formatou a partir de meados do século XIX: as principais modalidades esportivas e de produção artística, ou seja, o rol de atividades hoje conhecidas em suas diferentes manifestações.

Como mostrou Magnani (2004) em sua pesquisa sobre a periferia de São Paulo, há uma enorme distância entre as atividades que as pessoas declaram praticar, conforme seu prestígio (shoppings, cinemas, parques etc.), no mais das vezes conhecidas através da televisão e das novelas, e sua prática efetiva, circunscrita ao “pedaço”... Na realidade, quando se caminha do centro de uma grande cidade brasileira em direção à periferia, à medida que se avança, encontra-se um lazer cada vez mais misturado de práticas codificadas e não codificadas, que, por sua vez, resultam de uma mistura entre uma cultura contemporânea, vinda quase que inteiramente das mídias, e da cultura tradicional, quase sempre uma releitura desta. Aqui pode ser observada uma criatividade que brota de raízes marcadas daquela alegria, quem sabe, da qual falou Julián Marías<sup>8</sup> – “no mercado de Olinda, há mais alegria do que em toda a Suíça” – e que é o signo da permanência da cultura tradicional.

As tendências? Em tempos de mundialização da cultura, o que se faz lá de alguma forma repercute aqui, embora, como lembra García Canclini (1998), na América Latina o lazer, assim como a cultura em geral, é um produto da hibridação entre o antigo e o moderno e entre o local e o global. Diferentemente dos países da Europa Ocidental, nos quais a cultura tradicional é hoje folclore, esta ainda permanece viva nas nossas cidades, e como importante fonte de inspiração para os nossos criadores e mediadores culturais.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Várias dificuldades rondaram este texto, e já foram em parte mencionadas na abertura. Resta acrescentar que o método da sociologia ativa de Dumasiedier, mesmo com o alerta inicial de que se trataria apenas de um roteiro e não de um método com a rigidez de observância que se espera, ainda assim deixa a sensação de que algo ficou a dever. Fica, contudo, como uma sugestão e uma possibilidade aberta para futuros pesquisadores que ousarem seguir na senda da previsão.

Ao longo deste texto, buscou-se mostrar que as perspectivas para o lazer, ao menos no curso de uma geração, podem ser lidas pelo que já hoje é discernido, a saber:

1. Que o tempo de lazer tem uma perspectiva nebulosa, mas que cada vez mais é poroso nas suas relações com o trabalho. Ou seja: o lazer não será talvez beneficiado com novas reduções da jornada diária e semanal, mas isto pode vir a ser compensado por outras expectativas já claras de um trabalho mais lúdico, menos rígido, com formas cada vez mais possíveis de realizar em âmbito doméstico. Enfim: mais do que aumento do tempo de lazer e diminuição do tempo de trabalho, a aspiração é por um equilíbrio entre os tempos de trabalho, lazer e família.
2. Que o espaço de lazer tende a se confundir com o espaço urbano e que

---

<sup>8</sup> Entrevista concedida a Jean Lauand, em Madri, em 26 de maio de 1999. Disponível em: <http://www.hottopos.com/videtur8/entrevista.htm>. Acessado em: 12. maio 2008.

novas formas de produção de espaços e equipamentos devem surgir numa busca de maior integração com a natureza e dentro de um esforço de mobilidade humana.

3. Que as atividades de lazer têm suas perspectivas associadas à busca de experiência, mais do que à simples participação, e têm seu futuro cada vez mais ligado à tecnologia.

Na década de 1990, tornou-se muito conhecida a tese de que o século XXI seria o século do entretenimento. Esta palavra tornou-se chave não apenas para entender a tendência das práticas de lazer, mas também as práticas das religiões tradicionais e recentes associando a dança e a música popular nos cultos, o showmício político e mesmo o cotidiano das empresas. Ser lúdico, antes uma alternativa ao ser humano, tornou-se obrigatório para empresários, executivos, médicos, sacerdotes, políticos etc.

No plano profissional, resultou numa aposta muito grande em cursos de turismo, lazer e recreação. Parecia que era a hora e a vez dos egressos nessas áreas. Apenas a Universidade Anhembi Morumbi chegou a ter sete mil alunos matriculados nas áreas associadas (lazer, turismo, hotelaria, eventos e gastronomia).

No limiar do século XXI, a aposta já mostrou que não vingaria. A área continuou oferecendo os mesmos postos mal remunerados e sazonais de antes. Apenas alguns que se lançavam no empreendimento próprio mostravam resultados positivos. Então surgiu a pergunta: tudo não passou de um alarme falso?

A verdade é que para muitos a perspectiva era e é verdadeira. Para Michel Maffesoli (1989), os séculos XVIII e XIX foram marcados pela sombra de Prometeu e do trabalho. Os séculos XX e XXI seriam de Dionísio, do sexo e do lazer. Mas Keynes (1930) já previra que, no final do século, “turnos de três horas, ou uma semana de trabalho de quinze horas, poderiam resolver em grande medida o problema [do trabalho]”, e todo o tempo restante poderia ser dedicado a pequenas tarefas domésticas, em especial, ao lazer. A lista de previsões poderia estender-se longamente.

Na verdade, o século XXI parece ser, sim, o século do entretenimento, inclusive nos negócios, mas sobretudo na *epistème*, no espírito do tempo e, nesse sentido, podemos acompanhar Maffesoli e Keynes em suas observações citadas acima. A busca do entretenimento e da ludicidade em todos os tempos e espaços do cotidiano é uma tendência clara. Não é por outra razão que, desde 1930, a antropologia considera o lazer uma categoria-chave para compreender a cidade moderna (LYND, R. S.; LYND, H. M., 1965).

Pode-se concluir que hoje o lazer, mais do que uma área de formação profissional específica, com lugar assegurado no concerto de profissões, é uma noção a ser compreendida em suas dimensões de descanso, divertimento e desenvolvimento. O profissional da área, mais do que todos os demais, deve saber identificar as situações em que tais categorias se realizam, e esta deve ser, ao que parece, sua verdadeira especialidade. O lazer é também uma



noção a ser disseminada em todos os cursos de qualquer área de formação profissional que tenha como requisito a interação com o público, dada a grande utilidade que oferece para sua evolução futura.

Resta uma última observação. O pensamento sociológico e antropológico brasileiro soube reconhecer a qualidade lúdica do tempo presente no nosso homem tradicional. Esse pensamento está presente no homem cordial de Sérgio Buarque de Holanda (1991), no homem ibérico de Gilberto Freyre (1963), no malandro de Antonio Candido (1970). Mais recentemente, foi lembrado por Roberto DaMatta (1978) e Lilia Schwarcz (1995). Já o pensamento econômico, desde as teorias da Comissão Econômica da América Latina – CEPAL, passando pela Teoria da Dependência, apenas decretou que esse tipo de uso do tempo era inadequado ao projeto de desenvolvimento do país, sempre lembrando que o início da industrialização somente foi possível com a importação de mão de obra de imigrantes italianos e espanhóis na passagem do século XIX para o século XX.

Houvesse um verdadeiro diálogo interdisciplinar além do respeito acadêmico, do menear a cabeça em pretensa concordância com o colega de outra área, e uma série de perguntas poderia ser feita. Para que serve esse tempo herdado da nossa sociedade rural e que é ainda tão importante no nosso cotidiano? Ele é totalmente inútil para a economia? Será que a ludicidade marcante na nossa cultura tradicional não tem um papel a desempenhar no século XXI, quando as próprias sociedades ditas desenvolvidas parecem aceitar o protagonismo dessa ludicidade, inclusive na dinâmica do trabalho, e quando as maiores fortunas do mundo se estabelecem com base em negócios ligados ao entretenimento, midiático ou não? Será que devemos continuar tão tímidos para falar da importância do lazer, do turismo e áreas assemelhadas para o desenvolvimento do país?

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ADORNO, Theodor. O fetichismo na música e a regressão da audição. In ARANTES, Otília B. Fiori; LOPARIĆ, Željko (org.). *Os pensadores*, v. 48. *Walter Benjamin, Max Horkheimer, Theodor W. Adorno, Jürgen Habermas*. São Paulo: Abril Cultural, 1975. pp. 173-199.
- ALLIS, Thiago. Viajantes, visitantes, turistas... Em busca de conceitos em um mundo urbano. *Caderno Virtual de Turismo*, Rio de Janeiro, v. 14, supl. 1, pp.23-38, nov. 2014.
- BELLEFLEUR, Michel. *Le loisir contemporain : essai de philosophie sociale*. Québec: PUQ, 2002.
- BRANDÃO, Carlos Antônio L. (org.). *As cidades da cidade*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006.
- BUARQUE DE HOLANDA, Sérgio. *Raízes do Brasil*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1991.

- CAILLOIS, Roger. *Os jogos e os homens: a máscara e a vertigem*. Lisboa: Cotovia, 1990.
- CAMARGO, Luiz O. L. *Genèse du loisir dans les pays en voie de développement : le cas du Brésil*. Tese (doutorado em Ciências da Educação) – Université Sorbonne René Descartes (Paris V), 1982 (a).
- \_\_\_\_\_. Temps Libre – Temps Inoccupé dans les sociétés en voie de développement : le cas du Brésil. *Loisir et Société / Society and Leisure*, Québec, v. 5, n. 2, pp. 295-306, 1982 (b).
- \_\_\_\_\_. Perspectivas para o lazer com o impasse da luta pela redução da jornada de trabalho: o caso brasileiro. *Licere*, v.12, n. 2, pp. 1-32, 2009.
- \_\_\_\_\_. The prospects of leisure in the face of the decline of workers' fight for the reduction of working time: the Brazilian case / Perspectives pour le loisir suite a l'affaiblissement de la lutte pour la reduction de la journée du travail – le cas brésilien. *World Leisure Journal*, Londres, v. 48, n. 2, pp. 3-15, mar. 2011.
- CANDIDO, Antonio. Dialética da malandragem. In \_\_\_\_\_. *O discurso e a cidade*. São Paulo: Duas Cidades, 1970. pp. 19-54.
- \_\_\_\_\_. *Os parceiros do Rio Bonito*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1964.
- CARDOSO, Fernando Henrique. Cultura e participação na cidade de São Paulo. *Cadernos Cebrap*, n. 14, 1975, pp. 3-30.
- DAMATTA, Roberto. *Carnavais, malandros e heróis: para uma sociologia do malandro brasileiro*. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.
- DUMAZEDIER, Joffre. *Lazer e cultura popular*. São Paulo: Perspectiva, 1974.
- \_\_\_\_\_. *Sociologia empírica do lazer*. São Paulo: Perspectiva, 1979.
- FREYRE, Gilberto. On the iberian concept of time. *The American Scholar*, Washington D.C., v. 3, n. 32, pp. 415-430, 1963.
- \_\_\_\_\_. *Ordem e progresso*. 2 vols. Rio de Janeiro: José Olympio, 1961.
- FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade: o cuidado de si*. Rio de Janeiro: Graal, 1985.
- FOURASTIÉ, Jean. *Les 40 000 heures*. Paris: Gonthier-Laffont, 1965.
- GARCÍA CANCLINI, Néstor. *Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade*. São Paulo: Edusp. 1998.
- GERSHUNY, Jonathan. Increasing Paid Work Time? A New Puzzle for Multinational Time-diary. *Social Indicators Research*, Dordrecht , v. 101, n. 2, pp. 207-213, abr. 2011.
- GLORIEUX, Ignace; VAN TIENOVEN, Theun-Pieter. *Genre et emploi du temps : Différences et évolution dans l'emploi du temps des femmes et des hommes belges (2005, 1999 et 1966)*. Bruxelas: Institut pour l'Égalité des Femmes et des Hommes, 2009. Disponível em: <[http://igvm-iefh.belgium.be/sites/default/files/downloads/36 - GenreEmploi-DuTemps\\_FR.pdf](http://igvm-iefh.belgium.be/sites/default/files/downloads/36 - GenreEmploi-DuTemps_FR.pdf)>. Acesso em: 6 jun. 2018.
- GOMES, Christianne L. Lazer – concepções. In \_\_\_\_\_. (org.). *Dicionário crítico do lazer*. Belo Horizonte: Autêntica, 2004. pp. 119-126.

- GROSSIN, William. *Des resignés aux gagnants : 40 cahiers de doléances sur le temps*. Nancy: Publications Université de Nancy II, 1981.
- IBGE. *Síntese de Indicadores Sociais*. 2016.
- KANT, Immanuel. *Antropologia de um ponto de vista pragmático*. São Paulo: Iluminuras, 2006.
- KEYNES, John Maynard. Economic Possibilities for our Grandchildren (1930). In *Essays in persuasion*. Nova York: Classic House Books, 2009.
- KIRNER, Cláudio; TORI, Romero. *Realidade virtual: conceitos e tendências*. São Paulo: Mania de Livro, 2004.
- KRIPPENDORF, Jost. *Sociologia do Turismo: para uma nova compreensão do lazer e das viagens*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1989.
- LYND, Robert S.; LYND, Helen M. *Middletown in Transition. A Study Cultural Conflicts*. Nova York: Harcourt, Brace and World, 1965.
- MAFFESOLI, Michel. *À sombra de Dionísio*. Rio de Janeiro: Zahar, 1989.
- MAGNANI, José G. Cantor. *A festa no pedaço: cultura popular e lazer na cidade*. São Paulo: Hucitec, 2004.
- MARCUSE, Herbert. *Eros e civilização*. Rio de Janeiro: LTC, 1999.
- MUNNÉ, Frederic; CODINA, Núria. Psicología Social del ocio y el tiempo libre. In ÁLVARO, José L.; GARRIDO, Alicia; TORREGROSA, José R. (org.). *Psicología social aplicada*. Madri: McGraw-Hill, 1996. pp. 429-447.
- PEIXOTO, Elza. Levantamento do estado da arte nos estudos do lazer: (Brasil) séculos XX e XXI. *Educação & Sociedade*, Campinas, v. 28, n. 99, 2007, pp. 561-586.
- PRONOVOST, Gilles. *Introdução à sociologia do lazer*. São Paulo: Senac, 2011.
- \_\_\_\_\_. *Que faisons-nous de notre temps?*. Québec: PUQ, 2015.
- REGO, Renato L. O desenho urbano de Maringá e a ideia de cidade-jardim. *Acta Scientiarum*, Maringá, v. 23, n. 6, pp. 1.569-1.577, 2001.
- RIESMAN, David. *A multidão solitária*. São Paulo: Perspectiva, 1995.
- ROCHE, Daniel. *História das coisas banais*. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.
- ROJEK, Chris. *Decentring leisure*. Londres: Sage Publications, 1995.
- ROLNIK, Raquel. O lazer humaniza o espaço urbano. In SESC-SP (org.). *Lazer numa sociedade globalizada*. São Paulo: Sesc-SP /World Leisure and Recreation Association, 2000. pp. 179-184.
- SAINSAULIEU, Renaud. *Sociologia da empresa*. Lisboa: Instituto Piaget, 2001.
- SCHWARCZ, Lilia K. M. Complexo de Zé Carioca: notas sobre uma identidade mestiça e malandra. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, São Paulo, n. 29, out. 1995. pp. 49-63.
- SIMARD, Martin. Urbain, rural et milieux transitionnels : les catégories géographiques de la ville diffuse. *Cahiers de géographie du Québec*, Québec, v. 56, n. 157, pp. 109-124, abr. 2012.
- TOFFLER, Alvin. *A terceira onda*. Rio de Janeiro: Record, 1981.